



## **RESENHA DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS: *DOM CASMURRO*. CAPITU TRAIU OU NÃO BENTINHO?**

**Adriano Menino de Macêdo Júnior<sup>1</sup>**

**Leticia Vidal Fernandes<sup>2</sup>**

**Matheus Henrique Soares de Lima<sup>3</sup>**

**Luciana Dantas de Souza<sup>4</sup>**

A trama literária paira sob o sentimento do ciúme e desgraça conjugal de Bento Santiago. No início da narrativa, percebe-se que o protagonista masculino está fadado à tragédia matrimonial por uma associação da sua identidade com a dos imperadores César, Augusto, Nero e Massinissa, que executaram suas esposas em decorrência do crime do adultério.

Durante a leitura da obra, observamos que a trama tem foco narrativo em primeira pessoa, o narrador é o próprio Bento de Albuquerque Santiago. Em outras palavras, a história é contada por um sujeito já idoso, que rememora parte da sua existência com Capitu. Sendo assim, observamos que o homem narra à história a partir do seu ponto de vista, sem dar o direito à mulher de se manifestar com a sua própria voz.

Para uma análise crítica da relação entre os protagonistas, é preciso destacar que desde pequeno a relação de Bentinho e Capitu era minada pelo agregado José Dias, e muitas eram as más reputações que este dirigia à menina:

[...] — Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los. [...]

---

<sup>1</sup> Graduando de Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística e Literatura/GPELL. Mossoró, RN. E-mail: adrianomenino2016@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada de Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Mossoró, RN. E-mail: leticiavidal@alu.uern.br.

<sup>3</sup> Graduando de Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Mossoró, RN. E-mail: matheuslima@alu.uern.br.

<sup>4</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação Ciências da Linguagem/PPCL pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Mossoró, RN. E-mail: profesoralucianadantas@gmail.com.



Sempre juntos. Bentinho quase que não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê... (p. 17).

Assim, observamos o personagem José Dias conspirando contra Capitu para Dona Glória, mãe de Bentinho. Desse modo, Bentinho já via a imagem de Capitu com desconfiança desde a sua infância e adolescência, e essas lembranças virão à tona mais tarde com o desfecho da história.

No Cap. LXVII – “Um pecado”, observamos a representação de bem querer tão forte que Bentinho havia de ter nas carnes por Capitu, que chega a desejar a própria morte da mãe:

[...] **“Mamãe defunta, acaba o seminário.”** Leitor, foi um relâmpago. Tão depressa alumiu a noite, como se esvaiu, e a escuridão fez-se mais cerrada, pelo efeito do remorso que me ficou. Foi uma sugestão da luxúria e do egoísmo. A piedade filial desmaiou um instante, com a perspectiva da liberdade certa, pelo desaparecimento da dívida e do devedor (p. 137).

Com a eminente possibilidade de morte da mãe, passa pela cabeça de Bentinho sensação de alívio, e a possibilidade de viver a sua paixão por Capitu, que, por um instante, falara mais alto do que o amor pela mãe. Considerando essa situação, seria possível ir percebendo certa obsessão do personagem masculino por Capitu.

Em nossa compreensão, o comportamento obsessivo que se pode enxergar em Bentinho e que é dirigido a Capitu será provocador de um ciúme, igualmente, possessivo. A respeito disso, poderíamos perguntar: seria um ciúme **latente** alimentado por toda a sua juventude? Este ciúme **latente** se potencializa a partir do Cap. CVI – “Dez libras esterlinas”, quando Capitu é pega em um momento de distração e perda em pensamentos profundos:

[...] Uma noite perdeu-se em fitar o mar, com tal força e concentração, **que me deu ciúmes**. — Você não me ouve, Capitu. — Eu? Ouço perfeitamente. — O que é que eu dizia? — Você... você falava de Sírio. — Qual Sírio, Capitu. Há vinte minutos que eu falei de Sírio. — Falava de... falava de Marte, emendou ela apressada. [...] Capitu fitou-me rindo, e replicou que a culpa de romper o segredo era minha. Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas. — Tudo isto? — Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar, em alguns meses, concluiu fazendo tinir o ouro na mão. — Quem



foi o corretor? — O seu amigo Escobar [...] — **Ele esteve cá? — Pouco antes de você chegar; eu não disse para que você não desconfiasse** (p. 137).

No trecho supracitado, Capitu opta em dizer a verdade, deixando claro para Bentinho que o amigo Escobar estivera em sua residência em sua ausência. Em nossa opinião, a sinceridade da mulher descarta a suspeita de um adultério, que somente pode ser real para um homem como bentinho, que sempre mostrou ser dominado pelo sentimento do ciúme, como observamos no princípio da passagem literária, quando ele afirma: “Uma noite perdeu-se em fitar o mar, com tal força e concentração, **que me deu ciúmes**”; “**Os meus ciúmes eram intensos**, mas curtos; com pouco derrubaria tudo, mas com o mesmo pouco ou menos reconstruiria o céu, a terra e as estrelas.”

No desenrolar da trama, Capitu, já sabendo que Bentinho estava a lhe vigiar, passará a ser mais doce com ele e a agir para lhe evitar o ciúme: “não me ia esperar à janela, para não espertar-me os ciúmes, mas quando eu subia, via no alto da escada, entre as grades da cancela, a cara deliciosa da minha amiga e esposa, risonha como toda a nossa infância.” Em certo sentido, vemos que a mulher muda o próprio comportamento a fim de evitar os arroubos de ciúme do marido. Nesse sentido, ele quem vai construindo a ideia da traição na medida em que o de ciúme deixa de ser latente e começa a aflorar.

Outro indício do ciúme obsessivo de Bentinho pode ser problematizado a partir de como ele ver o filho Ezequiel, numa semelhança com a imagem do amigo Escobar. Os próximos fragmentos da obra são de um homem que aparece tomado pelas peças impostas do ciúme:

[...]— Não sai a nós, que gostamos da paz, disse-me ela um dia, mas papai em moço era assim também; mamãe é que contava. — Sim, não sairá maricas, repliquei; eu só lhe descubro um defeitozinho, gosta de imitar os outros. — Imitar como? — Imitar os gestos, os modos, as atitudes; imita prima Justina, imita José Dias; **já lhe achei até um jeito dos pés de Escobar e dos olhos...** (p. 206).

A semelhança entre Ezequiel e Escobar, como observada por Bentinho no trecho acima, pode ser, na nossa concepção, mais uma visão desencadeada pelo ciúme. Como aponta o escritor Miguel de Cervantes, “Os ciumentos sempre



olham tudo com óculos de aumento, os quais engrandecem as coisas pequenas, agigantam os anões, fazem com que as suspeitas pareçam verdades.” Em outro momento em que a protagonista pode ser tida como inocente do crime de adultério é o seguinte: Se Ezequiel haveria de ser filho de Escobar, por que então Capitu fez a seguinte indagação: “— Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita?”, ao que ela mesma responde: “Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar. Olha, Ezequiel; olha firme, assim, vira para o lado de papai, não precisa revirar os olhos, assim, assim...” Supomos que se Ezequiel fosse filho de Escobar, Capitu não atentaria Bentinho para a semelhança entre os dois.

Para corroborar com nosso objetivo proposto no início, trazemos os pesquisadores Almeida et al., (2008, p. 85) que afirmam que “o adulto torna-se ciumento quando acredita que o casamento ou o relacionamento romântico no qual está inserido está ameaçado por um rival real ou imaginário.” Desde o momento em que Escobar foi corretor de Capitu, Bentinho já o via como ameaça para seu matrimônio. Os autores ainda sugerem que, “pessoas ciumentas permanecem ambivalentes entre o amor e a desconfiança de seu parceiro, tornando-se perturbadas, com labilidade afetiva e obcecadas por triangulações, muitas vezes imaginárias.” Seria a partir daí que Bentinho se cerca de pensamentos distorcidos e doentios em relação a sua esposa? Em verdade, acreditamos que sim, um sujeito preenchido pelo ciúme pode imaginar ideias inexistentes.

Outro momento em que podemos ver a imaginação de Bentinho, sendo tomado pela raiva, é o seguinte:

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção do costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava-as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. [...] Quando nem mãe nem filho estavam comigo o meu desespero era grande, e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte todos os minutos da vida embaraçada e agoniada. Quando, porém, tornava a casa e via no alto da escada a criaturinha que me queria e esperava, ficava desarmado e diferia o castigo de um dia para outro. (p. 234).



Para Almeida et al., (2008, p. 86), “O ciúme pode, portanto, ser considerado imaginário, porque toma a pessoa com a imaginação obsessiva de que pode estar sendo ameaçada de perda ou humilhação.” Por isso, Bentinho já manipulado por tal sentimento acaba por ver o rosto e gestos de Escobar no próprio filho Ezequiel. A postura de Bentinho ao enviar sua esposa para a Europa também condiz com a do homem ciumento: “o ciúme implica certo cerceamento do outro, porque o parceiro ciumento, de algum modo, interfere no comportamento do outro e em sua liberdade, tornando-se possessivo e controlador”.

Considerando o exposto, ao longo da resenha, reafirmamos nosso posicionamento em defesa de Capitu, para afirmar que a visão do narrador, nesse caso Bentinho, é fruto de um ciúme **latente** adormecido e alimentado desde a sua infância.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago de; RODRIGUES, Kátia Regina Beal; SILVA, Ailton Amélio da. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 13, n. 1, p. 83-90, 2008.

ASSIS, MACHADO de. **Dom Casmurro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016.